

VIRILIDADE E DEGRADAÇÃO DO OBJETO: A SIGNIFICAÇÃO DO FALO NA VIDA AMOROSA DOS HOMENS

*Vinicius Moreira Lima**
*Gilson de Paulo Moreira Iannini***

RESUMO

Neste artigo, buscamos reunir algumas contribuições de Freud, Lacan e Miller acerca da vida amorosa dos homens, a partir de uma leitura do falo como significante que organiza os modos de partilha do amor, do desejo e do gozo. Para tanto, iniciamos nosso percurso retomando a argumentação freudiana sobre o lugar da degradação do objeto sexual no erotismo masculino, como resultado de sua obediência à proibição do incesto e de sua submissão amorosa à mãe idealizada. Em seguida, articulamos a construção de Freud à releitura desse tema sugerida por Lacan e formalizada por Miller por meio da lógica fálica, buscando conectá-la com as dimensões de gênero, raça, classe e sexualidade que atravessarão as formas de subjetivação dos seres falantes. Ao final, discutimos algumas das perspectivas que uma análise oferece diante da separação radical entre amor e desejo que costuma marcar a vida amorosa dos homens.

Palavras-chave: Virilidade; degradação; homens; masculinidade; falo.

VIRILITY AND DEGRADATION OF THE OBJECT: THE MEANING OF THE PHALLUS IN THE LOVE LIFE OF MEN

ABSTRACT

In this article, we discuss some contributions from Freud, Lacan and Miller on the love life of men, having as a guide the psychoanalytic reading of

* Mestre e Doutorando em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. Graduação em Psicologia (UFMG).

** Professor associado do Departamento de Psicologia da UFMG. Doutor em Filosofia pela USP.

the phallus as a signifier that organizes the distributions between love, desire and enjoyment. We start off with the Freudian hypothesis on the degradation of the sexual object in male erotism because of its obedience to the prohibition of incest and its loving submission to the idealized mother. Thus, we articulate this Freudian construction to the rereading of this subject suggested by Lacan and formalized by Miller through the phallic logic, trying to connect it to the dimension of gender, race, class and sexuality that will be part of the forms of subjectivation of speaking beings. Finally, we point to some of the perspectives given by an analysis to the radical separation between love and desire that usually marks the love life of men.

Keywords: Virility; degradation; men; masculinity; phallus.

VIRILIDAD Y DEGRADACIÓN DEL OBJETO: LA SIGNIFICACIÓN DEL FALO EN LA VIDA AMOROSA DE LOS HOMBRES

RESUMEN

En este artículo, discutimos algunas de las contribuciones de Freud, Lacan y Miller sobre la vida amorosa de los hombres, a partir de una lectura del falo como significante que organiza los atravesamientos entre el amor, el deseo y el goce. Para tanto, iniciamos nuestro trayecto con la hipótesis freudiana sobre el lugar de la degradación del objeto sexual en el erotismo masculino, como resultado de su obediencia a la prohibición del incesto y de su sumisión amorosa a la madre idealizada. En seguida, articulamos la construcción de Freud a la relectura de este tema sugerida por Lacan y formalizada por Miller con la lógica fálica, buscando conectarla con las dimensiones de género, raza, clase y sexualidad que atravesarán las formas de subjetivación de los seres hablantes. Al final, discutimos algunas de las perspectivas que un análisis ofrece delante de la separación radical entre amor y deseo que suele marcar la vida amorosa de los hombres.

Palabras-clave: Virilidad; degradación; hombres; masculinidad; falo.

Quando pensamos na vida amorosa dos homens, talvez nenhum traço defina a virilidade de maneira mais imediata do que a degradação do objeto sexual. Comumente, essa degradação coexiste, nos homens, com a divisão de seu objeto em dois: um para amar, outro para desejar. Esse arranjo não passou despercebido a Freud (1912/2018, p. 142), que, na segunda de suas três “Contribuições para a psicologia da vida amorosa”, intitulada “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa”, discute a divisão dos

homens que, ali, onde amam, não podem desejar e, ali, onde desejam, não podem amar – divisão que pode assumir formas as mais diversas. Como sugere o próprio título do texto freudiano, essa tendência a dividir o objeto em dois, um para amar, outro para desejar, não é exclusivo dos homens cis-heterossexuais, podendo ser localizado também em diversos outros arranjos de gênero e sexualidade; não à toa, Freud diz que essa é a “mais geral” degradação da vida amorosa. Uma pessoa, qualquer que seja sua identificação de gênero, pode, por exemplo, dirigir a corrente afetiva a mulheres e a corrente sensual para homens. Outra pessoa pode eleger parceiros do mesmo gênero, mas preservar a partilha entre aqueles para os quais dirige a corrente afetiva, outros a quem dirige a vertente do gozo erótico, entre tantas outras combinações possíveis.

No entanto, em nossa investigação, tomaremos como paradigma a clássica distribuição das mulheres feita pelos homens cis-heterossexuais entre a figura da “santa” (isto é, mulheres supostamente puras, idealizadas, amadas segundo o modelo da mãe, mais conformes aos ideais da família etc.) e a figura da “puta” (no alemão freudiano, a “*Dirne*”), forma de nomear uma mulher de sexualidade mais liberada, uma mulher degradada, com quem os elementos abjetos e subversivos do desejo sexual podem aparecer. O termo alemão “*Dirne*”, por sua vez, em linguagem corriqueira, poderia ser traduzido como “prostituta”, mas tem uma ampla gama de sentidos que excedem a versão mais literal de uma mulher que cobra por seu trabalho sexual. Ele é utilizado, também, por exemplo, para referir-se às mulheres que, no contexto europeu do século XIX, exerciam uma sexualidade mais livre, em contraponto ao ideal da mulher burguesa casada e mãe, fato que produzia, ao mesmo tempo, uma atração e uma condenação de sua posição na sociedade (Iannini & Tavares, 2018).

Nesse ponto, caberia observar a ainda frequente atribuição, no Brasil do século XXI, do adjetivo “puta” – entre tantos outros termos com essa mesma conotação, como “vadia”, “cachorra”, “vagabunda”, “piranha” etc. – a mulheres que exercem, mesmo hoje, algo dessa sexualidade mais liberada, que não se deixa reger inteiramente pelas normas sociais que buscam constrangê-las aos ideais do casamento, da monogamia e da submissão ao universo masculino. É nesse sentido que encontramos, por exemplo, a Marcha das Vadias como forma de reapropriação crítica

desse tipo de designação, fazendo um deslocamento do contexto original de enunciação dessa injúria em direção a uma subjetivação possível do termo como forma de afirmação subversiva de sua posição, interrogando as normas sociais que determinam o que contará ou não como uma mulher conforme aos padrões masculinos (cf. Moreira, 2019). Vale salientar, de passagem, que tal fato interroga também os roteiros sociais que autorizam os homens a degradarem as mulheres que não encarnam o ideal materno, convocando-os a construir outras formas de se haverem com os impasses de sua sexualidade.

Freud (1912/2018), por sua vez, retrazará essa divisão do objeto na vida amorosa nos homens ao problema da ligação incestuosa do menino com a mãe na experiência edípica, dentro da matriz heterossexual. O psicanalista parte da existência de duas correntes na vida amorosa, a saber, a corrente terna e a corrente sensual, que estariam ambas, a princípio, ligadas à figura materna na experiência infantil. O bebê freudiano amaria sua mãe tanto no sentido da ternura quanto no da sensualidade, e a barreira do incesto viria interditar a livre aparição da sensualidade diante da mãe, autorizando aí somente a dimensão da ternura. Tal interdição introduziria uma linha de fratura entre essas correntes na vida amorosa do menino, de modo que a ternura ficaria ligada ao campo idealizado e respeitado do materno, ao passo que a sensualidade, que contém os elementos mais degradados e abjetos do sexual, estaria reservada para mulheres que não remetam à mãe. Na leitura freudiana, o fenômeno da impotência psíquica nos homens se daria, então, quando estes se veem diante de um objeto sexual portador de um traço que os remete à mãe idealizada e proibida, fato que produz a impotência como forma de recuar frente à transgressão iminente da barreira do incesto.

Esta seria, portanto, a função da degradação do objeto sexual na vida amorosa dos homens: na medida em que a barreira do incesto proíbe a expressão da sensualidade dirigida à mãe, no momento em que o sujeito se aproxima de um objeto amoroso, que, na perspectiva do Édipo, seria inclusive escolhido como substituto da própria mãe, ele precisa degradar esse objeto para se certificar de que não está diante do objeto materno idealizado. A degradação viria, assim, afastar a possibilidade de que esse objeto se pareça demais com a mãe idealizada. Na leitura de Freud, esse seria

um recurso precário dos homens para combaterem o risco da impotência psíquica, consequência de sua obediência à interdição do incesto que convive com restos de investimento pulsional não abandonados na mãe e na irmã. Acentuamos, nesse ponto, a dimensão cômica presente nesse arranjo, não diretamente enfatizada por Freud, mas evidenciada pela precariedade dessa estratégia que frequentemente falha, reconduzindo um homem à impotência psíquica da qual buscava se proteger.

Antes de avançarmos rumo à releitura lacaniana desse arranjo, salientamos que essa está longe de ser a única configuração da impotência masculina na psicanálise freudiana. A esse respeito, recomendamos o trabalho de Henderson (2017), que mapeia quatro vias de leitura para esse tema dentro da obra de Freud: a fixação incestuosa na mãe, a inibição pela ameaça de castração, o horror ao feminino e, por último, a atitude masoquista na fantasia. Com Lacan, por sua vez, também poderíamos situar diferentes perspectivas para abordar esse problema, seja pelo apego à posição de ser o falo da mãe, que impede o sujeito de sustentar a posição do ter; seja por estar mal posicionado quanto à causa de seu desejo; seja por se ver diante da suposição, tipicamente masculina, de que uma mulher tem acesso a um gozo excessivo, diante do qual um homem pode se inibir. Neste artigo, discutiremos especificamente apenas a primeira dessas referidas perspectivas lacanianas.

A SIGNIFICAÇÃO DO FALO NA VIDA AMOROSA DOS HOMENS: UMA RELEITURA LACANIANA

Partindo desse primeiro arranjo freudiano da virilidade na vida amorosa dos homens, gostaríamos aqui de indicar uma releitura lacaniana dessa problemática a partir da lógica fálica. Enquanto Freud abordou a degradação da vida amorosa por meio de uma decifração edípica (em que a degradação do objeto tem a ver com uma submissão amorosa à mãe idealizada, de modo que o respeito à proibição do incesto produz a divisão do objeto amoroso), Lacan retornará pontualmente a esse tema em “A significação do falo” por meio da lógica da castração, sem referência ao Édipo. Nesse sentido, o escrito lacaniano de 1958 suplementa as três *Contribuições para a psicologia da vida amorosa* de Freud¹ (Miller,

1989/2010). Essa posição sugere que o falo na psicanálise é, para além de um vetor da dominação social, um significante que organiza a vida amorosa dos seres falantes – e que teria efeitos diferentes a cada vez para os seres subjetivados como homens e para os seres subjetivados como mulheres. Recortarmos aqui o parágrafo do escrito lacaniano em que o psicanalista aborda a significação do falo na vida amorosa dos homens:

Se de fato sucede ao homem satisfazer sua demanda de amor na relação com a mulher, na medida em que o significante do falo realmente a constitui como dando no amor aquilo que ela não tem, inversamente seu próprio desejo do falo faz surgir seu significante, em sua divergência remanescente, dirigido a “uma outra mulher”, que pode significar esse falo de diversas maneiras, quer como virgem, quer como prostituta (Lacan, 1958/1998a, p. 702).

Segundo Miller (1994-95/2005), Lacan teria produzido, nesse momento de seu ensino, uma “retranscrição” (p. 141) da libido freudiana por meio da noção de falo: a significação do falo transpõe a teoria freudiana do que é o investimento libidinal em um objeto. Para Lacan, o objeto investido na vida amorosa se torna aquele que assumiu a significação do falo para um sujeito. Dito de outro modo, o falo enquanto significante do desejo é o que, para cada sujeito, investirá um determinado objeto – a exemplo do valor de falo que um filho pode (ou não) assumir para uma mãe. Cumpre constatar aqui que a proposta de leitura de Miller (1994-95/2005) avança em relação ao escrito lacaniano: enquanto, no texto de 1958, Lacan se debruça particularmente sobre o lugar do falo no campo das identificações (“de que modo eu me situo em relação ao Outro?”), pensando-as em termos de ter ou ser na ostentação viril ou na mascarada feminina, a construção milleriana, por sua vez, enfatiza o lugar do falo nas escolhas de objeto (“de que modo eu escolho meus parceiros? Qual valor eu dou aos meus objetos?”).

Ao fazê-lo, Miller (1989/2010) nos lembra que, desde Freud, a significação é tomada como a atribuição de um valor: damos maior ou menor valor aos nossos objetos amorosos, a exemplo da superestimação e do rebaixamento. Nesse sentido, trata-se de um valor sexual: a *Sexualwert* leva a uma *Bedeutung*, isto é, a uma significação fálica conferida a um objeto. Vale observar que o termo alemão “*Bedeutung*” tem não somente a acepção

mulher idealizada e respeitada como a mãe, é a parceira a quem se endereça o amor (ou de quem acata demandas amorosas), mas é também aquela diante de quem o sujeito experimenta algo da castração (-φ). É nesse sentido que, quanto mais apegados ao engodo viril, a exemplo da figura do solteirão, mais os homens tomam o compromisso amoroso – expresso em relacionamentos duradouros, namoros, casamentos – como uma perda de gozo, uma perda fállica, por terem de abrir mão, supostamente, de sua liberdade na vida amorosa para cederem às demandas externas de um ideal monogâmico. Uma vez que o compromisso amoroso é abordado pelo solteirão com a significação da castração, isto é, tomado como uma negatização de seu gozo ou de sua potência fállica, é curioso observar de que modo a virilidade na nossa cultura é também marcada pela tentativa de negação da castração ou da falta fállica [(-φ)]. Fazer-se “mulherengo”, relançar sempre outra mulher numa série de conquistas pode ser uma das formas privilegiadas de expressão da virilidade como tentativa de negação do menos-phi.

Por sua vez, a M^2 , como a “puta”, é comumente materializada pela figura de uma outra mulher que encarne o resgate dessa liberdade perdida, ao se apresentar, no olhar desse homem, de forma mais permeável ao desejo, restituindo algo da sua virilidade ao resgatar a significação fállica positiva (φ), mas precisando ser depreciada pelo sujeito como modo de assegurar que não está com sua mãe (idealizada e proibida como objeto de desejo). A raiz lógica da infidelidade masculina estaria precisamente nessa disjunção, nesse desdobramento do objeto amoroso, do homem situado entre duas mulheres, que, para Lacan, é testemunha da dificuldade dos homens em suportar algo da castração, que é condição para consentir com a experiência do amor.

Na obra freudiana, por sua vez, esse cenário da divisão masculina se deveria ao respeito dos homens à proibição do incesto, que faria com que não se pudesse desejar a mãe, mantendo-a no lugar do amor idealizado, separada da dimensão “suja” e abjeta, por assim dizer, do erotismo. Para se assegurarem de que estão respeitando a barreira do incesto, os homens recorreriam à degradação de seu objeto sexual a fim de preservarem, intacto e à distância, o amor materno idealizado (Freud, 1912/2018).

Nesse ponto, vale ressaltar a importância de levarmos em conta as peculiaridades do que a antropóloga argentina Rita Segato (2013/2021) chamou de “Édipo negro” no contexto brasileiro, marcado, desde o

período colonial até os dias de hoje, pela delegação dos cuidados dos bebês de famílias brancas (e frequentemente de alta condição socioeconômica) a amas de leite ou babás negras, dimensão comumente elidida das discussões clássicas quanto ao Édipo na psicanálise.³ Desdobrando a contribuição de Segato, podemos nos perguntar em que medida o desejo – proibido quando dirigido à mãe idealizada – poderia se ligar às cuidadoras negras e com elas se expressar mais livremente, vinculando o esquema da degradação do objeto sexual às hierarquias sociais que autorizam a tomada de mulheres negras – representantes aqui da diferença em relação à mãe branca – como objeto degradado.

Na vida amorosa dos homens brancos, essa problemática pode se expressar pela distinção racista, herdada do período colonial, mas ainda hoje atuante, entre as “brancas para casar” e as “mulatas para fornicar”, distinção que, aliás, compõe um ditado racista do Brasil colonial documentado por Gilberto Freyre nos anos de 1930: “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” (cf. Pacheco, 2008). Tal como indica Bonfim (2021, p. 210), “o detalhe da cor da pele se destaca para alguns homens brancos como causa de desejo, como um traço isolado, cristalizado na fantasia de que as mulheres negras são hipersexualizadas e servem para atender aos desejos sexuais dos homens”. A esse respeito, encontramos na obra da filósofa brasileira Lélia Gonzalez (1980/2020, p. 86) uma história breve, mas “muito reveladora”, que atesta essa forma de divisão racializada do objeto. Trata-se de uma história sobre homens brancos jovens que, tendo tido iniciação e prática sexuais “com as crioulas”, sofriam de impotência psíquica no momento da cópula com a esposa branca. Nessa forma de divisão, a mulher branca vem como substituta do objeto materno idealizado, que só pode ser alvo de amor, mas não de desejo (pelo respeito à proibição do incesto), ao passo que as mulheres negras podem ser desejadas, pois marcadas pelo rebaixamento que permite a entrada do sexual:

Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginaram o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada para “logo apresentar os documentos” (Gonzalez, 1980/2020, p. 86).

Por sua vez, dentro da obra freudiana, é interessante constatar, no caso do Homem dos Lobos, que a degradação do objeto na sua vida amorosa se estabelece a partir da imagem que o pequeno Sergei Pankejeff extrai da observação de sua babá em posição ajoelhada, esfregando o chão, com as nádegas em projeção (Freud, 1917/1996, p. 100). Degradação marcada, portanto, pela posição corporal por ela ocupada nessa cena (que replica a posição da mãe na cena primária), mas também atravessada, certamente, por sua posição social como babá de uma família russa abastada.⁴ Acreditamos que esse debate possa servir como matriz para pensarmos o investimento libidinal que atravessa certas hierarquias sociais, em que sujeitos em situação de privilégio (por exemplo, homens que se ancoram aos semblantes da branquitude, da cisgeneridade e/ou da heterossexualidade) se autorizam a tomar pessoas em posições subalternizadas como objetos de desejo sexual, sem reconhecê-las como dignas de amor, restringindo-as à dimensão abjeta da sexualidade que estaria fora do registro dos ideais, obedecendo, assim, à divisão que Freud recolhe entre a relação idealizada com a mãe e a dimensão rebaixada do erotismo que não poderia aparecer diante dela.

Mas, indo além do Édipo freudiano ao logicizar esse cenário da vida amorosa, a obra de Lacan nos permite conceber que a divisão do objeto amoroso na posição masculina é, para além da relação edípica com a mãe, uma tentativa de resgatar, numa Outra mulher, a significação positiva do falo $[(\phi)]$ que lhe parece ser negativizada na primeira mulher $[(-\phi)]$. Assim, do lado da mulher do amor (M^1), a exemplo de uma esposa ou uma namorada, aloja-se o menos-*phi* enquanto castração: no corpo dessa primeira mulher, o sujeito não encontra “a imagem do pênis” (Miller, 1994-95/2005, p. 140); pelo contrário, ele “encontra $(-\phi)$ no corpo da mulher” que ama (p. 234). Essa alocação do $(-\phi)$ na parceira do amor tem a ver, por um lado, com aquilo que os homens frequentemente supõem estar implicado num relacionamento, a saber, uma perda de gozo (a perda da condição viril do “solteirão”). Por outro lado, podemos articular mais fundamentalmente o menos-*phi* à dimensão do amor, que pressupõe suportar algo da falta e da castração $[(-\phi)]$; diante disso, o temor de um relacionamento e de suas obrigações ou restrições se torna a roupagem que racionaliza a dificuldade dos homens diante do amor (para além dos semblantes culturais da monogamia).

É diante dessa experiência do (-φ), da qual os homens cotidianamente buscam fugir, que se dá o recurso à outra mulher, a mulher do desejo, que lhes permite restaurar o gozo que sua parceria amorosa (localizada num compromisso ou no casamento) supostamente lhe rouba. Essa outra mulher, M², possibilitaria “restabelecer o φ positivo, significação positiva do falo”, uma mulher que, “como tal, valerá como imagem do pênis” (Miller, 1994-95/2005, p. 140), isto é, que lhe dará ora a ilusão de recuperar sua virilidade perdida (pelo encontro com diversas mulheres por meio da infidelidade), ora o acesso a uma dimensão do desejo que se supõe proibida no arranjo idealizado do casamento monogâmico cis-heterossexual. É nessa direção que encontramos o cenário paradigmático do homem cisgênero e heterossexual casado (frequentemente, também, marcado pela branquitude) – cuja parceria com a esposa se dá sob o modelo do amor materno idealizado – que se envereda em relações secretas⁵ com dissidentes de gênero e sexualidade: pessoas trans ou travestis, homens gays etc. – as quais podem encarnar, eventualmente de maneira mais literal, a busca pela imagem do falo no corpo do outro [(φ)].

Ainda que essa lógica do desdobramento do objeto seja muito comum em homens – heterossexuais ou homossexuais –, Freud (1912/2018) mesmo nos lembra que a degradação é a tendência “mais universal” da vida amorosa, sem se restringir necessariamente a um gênero específico. Relendo esse arranjo com Lacan, isso significa que essa posição de gozo também pode ser ocupada pelos mais diversos seres falantes, quaisquer que sejam suas identificações de gênero e de sexualidade: homens ou mulheres, cis ou trans, heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, agêneres ou não-binários etc. Nesse sentido, por exemplo, um homem gay pode dividir o objeto dirigindo a corrente afetiva para homens mais velhos e a corrente sensual para homens da mesma idade; uma pessoa bissexual pode dividir o campo de escolhas dirigindo a corrente afetiva a pessoas do gênero oposto e a sexual para pessoas do mesmo gênero; pois o que está em jogo aqui é, mais fundamentalmente, uma modalidade lógica de gozo pela separação entre o amor e o desejo, de modo que essas duas dimensões não possam se misturar num mesmo objeto.

Gostaríamos, ainda, de acrescentar a relevância da dimensão da raça na comédia da vida amorosa a partir de algumas contribuições do psiquiatra martinicano Frantz Fanon (1952/2008), relidas aqui pontualmente com a teoria lacaniana do falo. Ainda que os homens negros possam se encontrar às voltas com o mesmo tipo de divisão do objeto que os homens brancos frequentemente fazem entre amor e desejo, Fanon descreve uma manobra específica de alguns homens negros que se casam com parceiras brancas (e vice-versa: de algumas mulheres negras que se casam com homens brancos) na esperança de alcançarem, por meio do casamento, a brancura que idealizam no parceiro, o que pretensamente lhes daria o reconhecimento de sua humanidade (e de sua distinção em relação às demais pessoas negras) pelo mundo branco.

Trata-se aí da brancura como insígnia fálica $[(\phi)]$ que permitiria a inscrição de um suposto valor sobre a subjetividade negra, marcada por uma menos-valia $[(-\phi)]$ como efeito subjetivo do racismo. Fanon (1952/2008) zomba dessa manobra de buscar a brancura como significação fálica positiva que seria fornecida por um parceiro branco, assinalando seus aspectos tragicômicos e apontando o impossível que a subjaz: mesmo ao se casar com uma pessoa branca, uma pessoa negra ainda falhará em alcançar plenamente a brancura que almeja, pois permanecerá sujeita, em diversos momentos, à condição de subordinação e de inexistência que marca a negritude em um mundo branco, isto é, no universo colonial racista.

Nesse ponto, acreditamos que caberia inclusive reescrever a dialética fálica formulada por Lacan à luz dos modos diferenciais de acesso ao falo que se dão não apenas entre homens e mulheres, mas também entre pessoas brancas e não brancas na cultura ocidental. É o caso de constatar que a narrativa lacaniana da dialética entre ser e ter o falo, que se formula a partir da perspectiva (não reconhecida como tal) da branquitude, deveria ser matizada, no contexto brasileiro, a partir do bloqueio de experiências de reconhecimento e das dinâmicas específicas de identificação e de desejo produzidos pela segregação racial em nossa cultura.

A esse respeito, o trabalho da psicanalista Neusa Santos Souza (1983/2021) é exemplar, no que ela discute os efeitos do ideal de embranquecimento – o assujeitamento a um “ideal do ego branco” –

na vida amorosa da população negra em ascensão social, seus alcances e suas limitações diante da manutenção de uma sociedade racista e classista como ainda é a brasileira, marcada pela hegemonia da branca no campo dos ideais. Nessa mesma direção, temos também a produção da psicanalista Isildinha Baptista Nogueira (1998/2021), cujo argumento sobre a significação do corpo negro poderia igualmente se articular a essa releitura dos efeitos subjetivos do racismo a partir da teoria lacaniana do falo: “‘Ser branco’, tanto quanto ‘ser negro’, para além da tonalidade que reveste o corpo dos seres humanos, representam ‘valores’, significados. Para além do branco, está a branca, e tudo quanto essa condição de branco ‘simbolicamente’ representa para o negro” (p. 149).

Nossa sugestão aqui é de que as contribuições de Neusa e de Isildinha, tal como as de Fanon, poderiam ser lidas por meio da teoria lacaniana do falo, na medida em que o acesso ao falo enquanto significante do desejo e enquanto significação de valor é oferecido às pessoas negras quase exclusivamente sob formas violentas, adequando-se aos ideais do mundo branco e/ou incorporando os estereótipos da negritude produzidos pelos brancos (a exemplo da hipersexualização e da hipervirilização).

CLIVAGEM DO OBJETO: O AMOR SE ENDEREÇA À CASTRAÇÃO

Se Freud (1912/2018) abordou a divergência presente na vida amorosa dos homens, Lacan (1958/1998a) acrescenta a esse arranjo a dimensão de convergência entre amor e desejo, muito frequente na vida amorosa das mulheres (embora, como veremos, essa convergência também não seja exclusiva ou necessariamente articulada a elas). Vale observar ainda que essa dimensão não está presente em Freud. O psicanalista francês a apresenta em “A significação do falo” afirmando que, assim como na infidelidade que decorre logicamente da estruturação masculina da vida amorosa, “veremos que o mesmo desdobramento é encontrado na mulher, exceto pelo fato de que o Outro do Amor como tal, isto é, enquanto privado daquilo que ele dá, é mal discernido no recuo ode vem substituir o ser do mesmo homem cujos atributos ela tanto estima” (Lacan, 1958/1998a, p. 702). Miller formaliza esse arranjo da seguinte maneira:

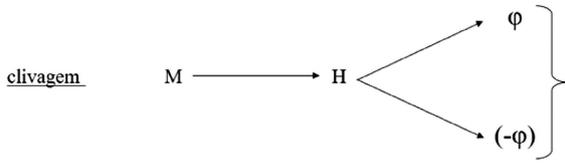


Fig. 2 – A lógica da clivagem na vida amorosa [Reconstruída a partir de Miller (1994-95/2005, p. 140)]

Enquanto, do lado masculino, temos o desdobramento do objeto em dois, produzindo uma “tendência centrífuga” na vida amorosa (Lacan, 1958/1998a, p. 702), do lado feminino, por sua vez, encontramos a clivagem interna de um mesmo objeto (Miller, 1994-95/2005). Nos dois modos de relação ao falo, há, então, uma falha, um obstáculo à harmonia sexual. Trata-se do fato de que, no esquema cis-heterossexual, uma mulher pode localizar o significante do seu desejo de forma fetichizada no corpo de um homem [(ϕ)] – isto é, “a significação do falo como positiva, uma vez que encontra, nele, a imagem do pênis” (Miller, 1994-95/2005, p. 139). No entanto, ela também encontra ali “a significação do falo como negativizada, relacionando-se com a impotência dele, com o que, nele, é gozo castrado” (p. 140), a saber, $(-\phi)$ – que também pode encarnar a dimensão do pênis fora do estado glorioso da ereção.

Comumente nas mulheres heterossexuais, mas não apenas nelas (pois elas também podem se organizar sob a lógica do desdobramento do objeto) e, inclusive, nem sempre nelas (já que alguns homens, por exemplo, posicionam-se a partir da lógica da clivagem), encontramos uma experiência de gozo a partir da convergência entre amor e desejo em um mesmo objeto. No entanto, esse objeto é clivado internamente: a “infidelidade feminina” muitas vezes se apresenta com relação a um mesmo parceiro: ela encontra “o significante do desejo e do amor no mesmo homem que, no fundo, encontra-se enganado – pobre homem! – por ele próprio” (Miller, 1994-95/2005, p. 235). Enquanto seu desejo pode se dirigir ao parceiro que tem (o falo), seu amor se endereça ao ponto em que esse mesmo parceiro “não tem” (o amor se endereça à castração no parceiro): “de modo mais secreto, a mulher, que aparentemente encontra o significante fetiche no corpo do homem, visa-o, de fato, no

ponto (-φ), ou seja, o pênis não-falo, não no estado glorioso de ereção, é um significante também precioso, uma vez que significa o amor” (Miller, 1994-95/2005, p. 234).

Nessa perspectiva, no arranjo cis-heterossexual, uma parte da angústia masculina quanto ao sexo se deve a esse curioso fato de que, na lógica feminina da clivagem, o homem é enganado por ele mesmo e supõe que a parceira ama um outro, justamente porque quer desconhecer que ele mesmo não é apenas o pretense detentor do falo, mas também o amante castrado (isto é, a parceira ama e deseja diferentes elementos em um mesmo homem). Nesse sentido, o amor pressupõe se haver com um ponto da castração, mais além da significação positiva, fetichizada, do falo: se o desejo procura φ, o amor é aquilo que se endereça ao (-φ) (Miller, 1994-95/2005, p. 233). Trata-se, então, do fato de que o encontro com (-φ), com esse ponto não-glorioso do falo, é algo que convoca o sujeito para além da dimensão fetichista do gozo, abrindo para a dimensão do amor – o que comumente angustia aqueles que se aferram à dimensão positivada do falo, até mesmo porque o amor nos convoca ao encontro com uma falta no Outro [S(A)].

Nesse sentido, “há afinidades entre o amor e a castração. Por isso, ali é preciso empurrar um pouquinho os homens, que não estão de imediato dispostos à castração. [...] talvez não seja tão cômodo para o homem encarnar o Outro do amor, aquele que está privado” (Miller, 1993-94/2011, p. 241, tradução nossa). Pois, enquanto o Outro do desejo sustenta a posse de atributos viris, o Outro do amor precisa estar privado, precisa suportar a posição do não ter – o que, mais tarde na obra de Lacan, se escreve pelo matema S(A), o significante do Outro barrado, que inscreve precisamente o ponto em que o Outro não tem e que é situado do lado dito feminino da lógica da sexualização.

Dessa forma, para amar, qualquer que seja o gênero daquele que se propõe a essa experiência, é preciso certo consentimento com a dimensão da castração – a sua própria, assim como a do Outro. Na lógica do desdobramento do objeto, para além da relação edípica com a mãe, trata-se do relançamento da busca do desejo em um outro objeto que não aquele que já se acessou e com o qual se presenciou uma queda do véu fálico que orientava a promessa do desejo: aquela mulher (ou aquele homem, ou

aquela pessoa) não é e nem tem o falo que se procurava. Numa parceria amorosa, diferentemente, é preciso suportar essa verdade da queda do falo, razão pela qual dizemos que, para amar, cumpre consentir com algo da castração. Nessa direção, talvez haja algo da lógica da clivagem do objeto que se impõe para qualquer ser falante – ao menos no terreno da neurose – que consinta com se aventurar numa experiência amorosa.

Cumpre aqui frisar que essa lógica, formalizada a partir do arranjo cis-heterossexual, não é nem exclusivamente nem necessariamente articulada a esse arranjo. Tanto o desdobramento quanto a clivagem do objeto podem ser encontradas nos mais diversos sujeitos, de forma que o que está em jogo é o estilo como cada um opera logicamente em seu modo de gozo com o amor e o desejo, que pode se apresentar seja pela convergência, seja pela divergência entre eles, quaisquer que sejam as identificações e as escolhas de objeto de um sujeito.

Acreditamos que essa perspectiva permite, inclusive, superar alguns dos impasses normativos situados por Butler (1990/2015) na abordagem lacaniana das homossexualidades em “A significação do falo”, que acaba por construir uma versão em bloco da homossexualidade masculina e outra da homossexualidade feminina. Na leitura de Lacan (1958/1998a, p. 702), a homossexualidade masculina seria caracterizada pela “marca fálica que constitui o desejo”, aproximando-a da dimensão do desdobramento do objeto (sob a égide do gozo fálico), enquanto a homossexualidade feminina estaria marcada pela “vertente da demanda de amor”, mais afim à clivagem do objeto. Mesmo que esse arranjo possa ser encontrado na experiência clínica, sua universalidade (no sentido de uma aplicação que seria válida para todos os casos) é certamente contestável.

Ainda que possamos tomar essas versões da homossexualidade em Lacan por sua dimensão paradigmática, buscando drená-las de um valor normativo e sem pretensões de universalização, seria preciso, primeiro, fazer uma crítica dos usos prescritivos desse tipo de modelo na história da psicanálise, ao constituírem personagens conceituais que pretensamente valeriam por toda uma classe, engendrando, em alguns casos, formas *a priori* de (não-)escuta das homossexualidades (Ayouch, 2015). Desse modo, trata-se aqui de dar margem para os arranjos singulares mediante os quais se instalarão as identificações, os modos de gozo e as escolhas de

objeto para cada um, fora de toda norma pré-estabelecida para a assunção de uma posição sexuada – tal como propõe Hervé Castanet (2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS DE UMA ANÁLISE

Se, a partir da lógica da clivagem, o desejo de uma mulher (ou de alguém que assuma uma posição diante do falo que convencionamos chamar de “feminina”) pode eventualmente se dirigir ao falo fetichizado no corpo de um homem (ou de um Outro qualquer que sustente o semblante de uma posição fálica), seu amor, todavia, só se endereça à castração, ao ponto em que o Outro não tem: “o amor da mulher, não seu desejo, volta-se para um ser que está para além do encontro do desejo – a saber, o homem enquanto privado do falo, o homem que, precisamente, por sua natureza de ser completo, de ser falante, é castrado” (Lacan, 1958-59/2016, p. 147). É aí que reside uma frequente dificuldade masculina com relação às parcerias amorosas: de um modo geral, os homens supõem ser possível reduzir todo o campo do gozo ao desejo de falo, ao passo que o amor implica acessar algo além dessa pretensa solução universal. O amor exige um mais além da posse fálica, que pressupõe consentir com algo da castração, e é nesse ponto que os homens mais apegados ao falo se embaraçam, uma vez que acreditariam suprir as exigências da sua parceria apenas pela vertente do engodo viril. Por desconhecerem ativamente essa dimensão não-toda fálica do amor, eles comumente optam pela impostura viril que costuma acompanhar a posição masculina.

Nesse ponto, cabe observar que o desdobramento do objeto nem sempre configura um ponto de incômodo para os homens, já que muitos deles podem aí encontrar um modo de se situarem ao longo de toda a sua vida, até mesmo porque esse arranjo, certamente a serviço da neurose, encontra um forte respaldo na dimensão masculinista da cultura ocidental, que fornece ferramentas discursivas pelas quais os homens podem manter a figura da mãe – e por vezes da esposa, em substituição a ela – em um lugar idealizado, enquanto sustentam paralelamente modalidades de relação com outras mulheres ou outras personagens de seu erotismo que, da sua perspectiva, não caberiam em sua parceria amorosa.

Outros homens, por sua vez, irão se angustiar diante desse funcionamento fazendo dele um sintoma, seja pelo encontro com a impotência psíquica, seja pela sua incapacidade de se abrir à dimensão do amor. Quais seriam as saídas oferecidas pela psicanálise diante desse arranjo? Para Freud (1912/2018, p. 145), o ponto-chave do tratamento residiria em romper o respeito à mãe (à barreira do incesto) e “estar apaziguado com a ideia [*Vorstellung*] do incesto com a mãe ou irmã”, permitindo uma convergência entre amor e desejo que suspenderia – ou ao menos relativizaria – a estratégia da divergência entre ternura e sensualidade. Isso significa tornar possível que, numa relação amorosa, possa entrar também o elemento mais rebaixado do erotismo ou a dimensão abjeta do sexual, desfazendo a ficção de que uma parceria precisaria ser orientada inteiramente pelo campo dos ideais (Mandil, 2017).

Com a perspectiva lacaniana dos anos 1950, podemos localizar um giro de leitura quanto ao problema da degradação por meio de uma ênfase na relação idealizada que o sujeito mantém com o Outro materno, de modo que o desdobramento do objeto sexual – por exemplo, no solteirão – articula-se, de maneira mais ou menos discreta, a uma submissão amorosa à mãe, ou seja, ao modelo de amor construído em torno da mãe como personagem que figura o Outro para um sujeito, e cuja falta esse sujeito se dedica a tamponar por sua identificação ao falo materno. Esse arranjo nos fornece um outro ângulo da virilidade cômica, pois, ao mesmo tempo que um sujeito pode se supor viril ao degradar as mulheres como objeto sexual, ele todavia preserva, frequentemente, sua submissão amorosa à mãe ou ao modelo de amor materno e idealizado – algo que muitas vezes se expressa, em nossa cultura, pela frase “Amor é só de mãe”. Assim, o suposto refúgio viril encontrado pelo macho ao desejar sempre outra mulher se evidencia um engodo cômico, na medida em que o próprio sujeito permanece inconscientemente submetido ao Outro cuja falta busca completar por meio de sua identificação fálica.

É nesse ponto que uma psicanálise pode operar, ao permitir a um homem se desidentificar do lugar de falo materno, consentindo com a castração do Outro – operação que Lacan nomeou, no ano de 1958, como desidentificação fálica (Lacan, 1958/1998b; Miller, 1994-95/2005, p. 235). Dessa maneira, o que estaria em jogo numa experiência de análise

seria a possibilidade de reconhecer a instauração de uma barra no campo do Outro, ali mesmo onde o sujeito, em especial na neurose obsessiva, sustenta uma relação com um Outro idealizado, um Outro que ele procura manter pleno, consistente, à maneira do Outro materno ao qual respeita e se submete em uma identificação à imagem fálica que completaria o desejo do Outro. É sob esse arranjo que a degradação do objeto que marca a virilidade de tantos homens pode coexistir comicamente com a submissão ao modelo de amor materno.

No entanto, nesse arranjo de submissão às demandas do Outro, é o desejo do sujeito que permanece esmagado, de forma que uma experiência de análise permitiria confrontar o sujeito com a possibilidade de se reposicionar diante dessa separação radical entre amor e desejo em seu modo de gozo. Um fator decisivo nesse percurso se escreve pelo encontro com a barra que marca o lugar do Outro em sua incompletude e em sua inconsistência [$S(A)$], a partir da descoberta de que não se é o falo que completaria esse Outro [$(-\phi)$]. Tal giro abre caminho para que um sujeito possa lidar com a ausência de garantias em assumir a dimensão esburacada do desejo, para além do roteiro que foi tecido pela ficção do Outro à qual se submeteu.

REFERÊNCIAS

- Ayouch, T. (2015). *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica e biopolítica*. Curitiba: CRV.
- Bonfim, F. G. (2021). *A sexuação do homem na contemporaneidade: entre o declínio do ideal viril, o feminismo e o feminino*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Recuperado em 13/06/2022 em: http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/12/2021_t_FLAVIABONFIM.pdf
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (9ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).
- Castanet, H. (2016). *Homoanalizantes: homossexuais en análisis*. Buenos Aires: Grama.
- Corrêa, M. (2007). A babá de Freud e outras babás. *Cadernos Pagu*, 29, 61-90. Recuperado em 13/06/2022 em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/RbtH9vhrynq3NVynprLfVxn/?format=pdf&lang=pt>
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. (Obra original publicada em 1952).
- Freud, S. (2018). Sobre a mais geral degradação da vida amorosa. In: Freud, S. *Amor, sexualidade, feminilidade (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, Vol. 7)* (pp. 137-154). Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. In: Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 15-127). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917).
- Gómez, M. M. (2007). Violencia, homofobia y psicoanálisis: entre lo secreto y lo público. *Revista de Estudios Sociales*, 28, 72-85. Recuperado em 13/06/2022 em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/19276?lang=es>
- Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Gonzalez, L. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (pp. 75-93). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1980).

- Henderson, G. F. (2017). *A impotência sexual na obra de Freud*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Recuperado em 13/06/2022 em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24314/1/2017_GuilhermeFreitasHenderson.pdf
- Iannini, G. & Tavares, P. H. (2018). Aparato editorial ao volume *Amor, sexualidade, feminilidade*. In: S. Freud. *Amor, sexualidade, feminilidade (Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, Vol. 7)*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lacan, J. (1998a). A significação do falo. In: Lacan, J. *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (1998b). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: Lacan, J. *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958-59).
- Mandil, R. (2017). O masculino diante do fogo. *Derivas analíticas*, 7. Recuperado em 13/06/2022 em: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/edicoesanteriores/index.php/masculino>
- Miller, J.-A. (2010). Convergência e divergência. *Opção lacaniana online*, 2, 1-18. Recuperado em 13/06/2022 em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/Convergencia_e_divergencia.pdf. (Obra original publicada em 1989).
- Miller, J.-A. (2011). *Donc: la lógica de la cura*. Buenos Aires: Paidós. (Obra original publicada em 1993-94).
- Miller, J.-A. (2005). *Siler: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1994-95).
- Moreira, M. M. (2019). *O feminismo é feminino? A inexistência da Mulher e a subversão da identidade*. São Paulo: Annablume.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1998).
- Pacheco, A. C. L. (2008). *“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. Recuperado em 13/06/2022 em: <https://cdn.revistaforum.com.br/wp-content/uploads/2015/09/PachecoAnaClaudiaLemos.pdf>

- Segato, R. (2021). O Édipo negro: colonialidade e forclusão de gênero e raça. In: Segato, R. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda* (pp. 211-246). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. (Obra original publicada em 2013).
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1983).

NOTAS

- ¹ Trata-se de um conjunto de três textos: “Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens” (1910), “Sobre a mais geral degradação da vida amorosa” (1912) e “O tabu da virgindade” (1918).
- ² Faremos aqui uma reapresentação do trabalho de Miller (1994-95/2005) nele incluindo algumas contribuições que podem ser extraídas da perspectiva mais tardia formulada por Lacan com sua lógica da sexuação, ao articularmos o gozo todo fálico – dito masculino – com o desdobramento do objeto e o gozo não-todo fálico – dito feminino – com a clivagem do objeto.
- ³ Gonzalez (1980/2020) também discute a presença da “mãe preta” na cultura brasileira, referindo-se às cuidadoras negras que ficam encarregadas do exercício da função materna nas famílias brancas, mas enfatizando a dimensão do cuidado particularizado e da transmissão da língua materna efetuada pela mãe preta mais do que a dimensão da sensualidade dessa figura que é abordada por Segato (2013/2021).
- ⁴ Para uma interessante discussão sobre as babás na psicanálise, recomendamos o trabalho de Mariza Corrêa (2007), que observa que, no Brasil (e nos trabalhos sobre as babás no contexto brasileiro), discute-se o fato de que “as babás/criadas eram, às vezes, objeto do desejo dos patrões – mas nunca se menciona a possibilidade de sedução de crianças” (p. 79).
- ⁵ A esse respeito, ver o excelente trabalho de Gómez (2007) que discute as dinâmicas de subordinação e violência nas relações secretas entre homens cis-heterossexuais e dissidentes de gênero e sexualidade.